
Pequena revisão sobre a trajetória do gênero biográfico¹

Jéssica FEIJÓ²
Glória RABAY³

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

O artigo reflete sobre os percursos da biografia até o desenvolvimento do gênero jornalístico brasileiro. A partir dos estudos de BORGES (2006), VILAS BOAS (2008), WERNECK (2014), LIMA (2014) e MARTINEZ (2017), são recuperados rastros da influência da História, da Literatura e do Jornalismo Literário no fazer biográfico contemporâneo. Ao final, ensejam-se reflexões e questionamentos sobre o andamento da produção atual e das biografias vindouras.

PALAVRAS-CHAVE: biografia; biografia jornalística; trajetória da biografia.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado de reflexões feitas a partir da disciplina Teoria do Jornalismo, cursada no Mestrado Profissional em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, no primeiro semestre de 2022, onde tivemos oportunidade de revisar, no quadro das teorias, as ferramentas do jornalismo literário, articulando esses conteúdos com a experiência do grupo de pesquisas *Narrar*, do qual fazemos parte. Seu objetivo é iniciar a revisão sobre Jornalismo Biográfico a ser desenvolvido durante o projeto de dissertação *As jornadas da heroína Elza Soares na biografia jornalística*. Assim, percorremos alguns rastros deixados pelo fazer biográfico, num percurso que extrapola as redações, pois os “atos de jornalismo” (STEARNS, 2013) cruzam produtos, linguagens e formatos diversos que vão muito além da rotina diária das redações.

Ao organizar a *História da Imprensa no Brasil*, Martins e Luca refletem que a “imprensa é, a um só tempo, objeto e sujeito da história” (2018, p.9), um e outro estão sempre a influenciar-se mutuamente. Dessa forma, também nossa investigação é localizada na concepção do jornalismo pós-industrial de Deuze e Witschge. Os autores

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFPB; e-mail: j.feijo@outlook.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Pós-graduação em Jornalismo/UFPB e do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas/UFPB, e-mail: gloria.rabay@academico.ufpb.br.

ressaltam que o jornalismo deixou de ser “um campo mais ou menos consensual ou estável” e mudou com a “reorganização dos ambientes de trabalho; a fragmentação das redações; a emergência de uma sociedade ‘redacional’, e a ubiquidade das tecnologias midiáticas” (DEUZE; WITSCHGE, 2016, p.8-9). Partimos desse jornalismo líquido e inevitavelmente o temos em vista nas reflexões. Na verdade não “um”, mas vários jornalismo resultado da chamada “modernidade líquida” (BAUMAN, 2000). As mudanças sociais, econômicas e políticas empurraram o jornalismo a “desenvolver novas táticas, novas estruturas organizacionais e uma nova autoconcepção” (DEUZE; WITSCHGE, 2016, p.8).

Significa que as crises e revoluções obrigaram o jornalismo diário a mudar, mas e quanto aos outros produtos da profissão, aqueles que demandam mais tempo de apuração e redação? Para Martinez, “a emergência de um perfil profissional mais ligado ao empreendedorismo e à inovação, evidentemente teve implicações na prática do Jornalismo Literário.” (2017, p. 24). As transformações, pois, estão em todas as faces, mas entender como elas estão ocorrendo é um desafio para os estudos presentes.

No caso das biografias, há sinal de um corpus cultural e mercado editorial fortalecido nos últimos anos. Inclusive com a publicação de novas biografias sobre personalidades que já tiveram a vida registrada, conforme aponta matéria do jornal Folha de S. Paulo (FINOTTI, 2022) sobre o ponto de vista das editoras brasileiras. Finotti pondera que os editores negam aumento nas vendas de “biografias nos últimos meses. Mas Flávio Moura, [*publisher*] da [editora] *Todavia*, nota que parece haver ‘uma variedade maior de personagens estudados, sobretudo a partir da lente de correções históricas e identitárias. [...] É sinal de mercado pujante e saudável’” (FINOTTI, 2022). Um aceno de como diferentes visões nas biografias podem ser narradas sobre os mesmos fatos que compõem uma vida.

O gênero biográfico também tem traçado partes importantes da história do Brasil, por meio do convite ao mergulho que começa com a atração pelo personagem. Segundo Flávio Moura, o fator principal é a busca por personagens que chama “legais”, assim como “que tenham a ver com o momento do país”. Por exemplo: a obra *João Cabral de Melo Neto - Uma Biografia*, de Ivan Marques. Na entrevista, o editor explica que “além da vida do poeta, o livro traça uma história da poesia brasileira”, permitindo entender “um pedaço da nossa história passada e atual” (FINOTTI, 2022).

De fato, desde os anos 1980 fala-se em “retorno da biografia” internacionalmente. Para Borges, “dois eixos claramente imbrincados podem explicar esse interesse pelas biografias: os movimentos da sociedade e o desenvolvimento das disciplinas que estudam o homem em sociedade” (BORGES, 2006, p.209). Assim como o jornalismo, a evolução da biografia tem relação direta com a sociedade e a produção transfigurou-se em “um complemento indispensável da análise das estruturas sociais e dos comportamentos coletivos” (LE GOFF, 1989 apud BORGES 2006, p.209).

Para entender melhor a conjuntura atual da biografia, o artigo propõe uma breve revisão sobre a trajetória do produto, com perspectivas que se sobreporam ao longo dos anos e/ou conviveram paralelamente. Nos dois primeiros tópicos, visitamos os registros chamando atenção para a influência da História e da Literatura. Já no terceiro, resgatamos o papel do jornalismo no desenvolvimento da biografia contemporânea e iniciamos reflexões e questionamentos sobre o andamento da produção atual e das biografias vindouras. O percurso não é exatamente cronológico, mas busca um princípio didático que almejamos conseguir ao final do trabalho.

UMA HISTÓRIA DA BIOGRAFIA AINDA PRECISA SER CONTADA

As histórias da vida real estiveram imbricadas com o jornalismo desde os registros mais longínquos no Ocidente. Como recupera Lage, os primeiros jornais europeus, circulando no início do século XVI, constituíam um mosaico fragmentado de estilos, em que narrativas de eventos reais ou fictícios estavam presentes, dividindo espaço com o “tom seco” de “anais, atas, relatórios, as relações de episódios listados em ordem cronológica que tinham o nome de *crônicas*” (2001, p.10-12).

Por outro lado, a prática propriamente dita de narrar uma vida remonta à cultura tradicional oral que é encontrada em todas as civilizações, a tal ponto que ao longo dos séculos muitas histórias se perderam entre o fictício e o real. Desse hábito essencialmente humano até as biografias contemporâneas, o relato de vida percorreu um longo caminho. Porém, “estudos sobre biografias ainda são ocasionais”, como alerta Vilas Boas (2008, p.19), especialmente quando fazemos o recorte local e jornalístico. Segundo o autor:

Iniciativas isoladas tangem essa modalidade apenas como parcela secundária ou complementar de pesquisas, sem se deterem, por exemplo, nos milhões de leitores interessados no gênero, nos méritos e

nas fraquezas dos biógrafos, nas interpretações conflitantes dadas a uma mesma pessoa, nos limites e nas possibilidades desse campo vasto e extraordinário. Uma história da biografia também está para ser contada (VILAS BOAS, 2008, p.19)

Dito isso, torna-se mais importante destacar as contribuições que pensam e registram a evolução do fazer biográfico. Esse papel muitas vezes é ocupado por literatos ou historiadores, por exemplo, Vavy Pacheco Borges, que referencia a origem da biografia para o Ocidente na Grécia Antiga, paralelamente ao surgimento da História enquanto conhecimento. A própria palavra biografia advém das expressões gregas *bios* (vida) e *graphein* (escrever, inscrever), tendo relação com os “relatos de vidas” desde 500 d.C.. Já os registros em dicionários remontam apenas a 1721, quando o termo apareceria em língua francesa no *Dictionnaire de Trévoux*. Em 1801, Emile Littré definiria biografia como ““espécie de história que tem por objetivo a vida de uma só pessoa”” (BORGES, 2006, p.204).

Conta Borges (2006, p. 205) que a sociedade greco-romana usava “a descrição da história de uma vida [...] para dar exemplos morais, negativos ou positivos”. Por exemplo, a produção de *Vidas paralelas*, de Plutarco, e *Vida dos 12 Césares*, de Suetônio. Pelos milênios seguintes, a produção biográfica receberia um olhar distinto dos estudiosos, pois diferente da “‘História’ (que narrava fatos coletivos e contava a verdade)”, “essa chamada biografia clássica punha um acento muito maior no caráter político, moral ou religioso do biografado do que em sua pessoa, em sua singularidade.”

Na Idade Média, o propósito antigo se manteve com as crônicas e hagiografias, observa Borges, mas na Renascença já se percebia “certa concepção moderna” na obra. A autora ressalta a fundamentação documental feita por Bocaccio em *Vida de Dante* (século XIII) e a “preocupação com as vidas particulares” encontrada no trabalho de 1550 de Giorgio Vasari: *Sobre as vidas dos mais excelentes pintores, escultores e arquitetos* (em tradução). É na Idade Moderna, entretanto, que a ideia de biografia se transforma intensamente durante os séculos XVII e XVIII. (BORGES, 2006, p.205).

Um divisor apontado é a obra *Life of Samuel Johnson LL.D* (1791), publicada pelo inglês James Boswell (VIANA FILHO, 1945; BORGES, 2006; VILAS BOAS, 2008; LIMA, 2014). A biografia, que devotou 20 anos de pesquisa e seis de escrita, foi sucesso imediato de vendas. Borges nos explica:

O trabalho é tido por muitos como o marco inicial do que hoje chamamos de biografia, dada sua preocupação com novos métodos de se investigar uma vida, compreendendo forte relação de convivência

biógrafo/biografado [...], um interesse em evitar o panegírico e um ideal de contar a “Verdade” (preocupação forte daquele momento), com a dramatização de diálogos a partir de documentação e inúmeras entrevistas com personagens variados. (BORGES, 2006, p.205).

Vale ressaltar, inclusive, que a intimidade do biografado, trazida por Boswell então, é atualmente considerada “um dos componentes vitais do Jornalismo Literário” (VILAS BOAS, 2008, p.113).

Os experimentos e os debates sobre a arte e a ciência na narrativa de um vida se desenvolveram nas décadas seguintes e, embora o positivismo e a História tenham focado as instituições em detrimento da importância do indivíduo no século XIX, a biografia se concretizou como gênero histórico e literário no início do século XX. Imbuída das ideias dos franceses Madelénat (1984), Trebitsch (1985) e Dosse (2005), Borges nos apresenta duas formas de classificar as biografias sob o ponto de vista historiográfico. A primeira dispõe os paradigmas: a “biografia clássica” [...] desde a Antiguidade ao século XVIII [...]; a biografia ‘romântica’ (do final do século XVIII ao início do século XX); e a biografia moderna, filha do relativismo ético, da Psicanálise e das transformações epistemológicas da História” (Madelénat, 1984 apud BORGES, 2006, p 207). Já a segunda classificação localiza as biografias em: “idade heróica” (biografia focada em modelos sociais); “idade modal” (biografia ilustrativa do coletivo de uma época e um lugar); e “idade hermenêutica” (biografia enquanto “terreno de experimentações [...], aberto a várias influências disciplinares”) (BORGES, 2006, p.207).

RASTROS DA BIOGRAFIA NO BRASIL

Nacionalmente, já nomeou-se por biografia os mais variados textos, como enumera Viana Filho:

ora chamamos biografia a simples enumeração cronológica de fatos relativos à vida de alguém; ora usamos a mesma expressão para trabalhos de crítica nos quais a vida do biografado surge apenas incidentalmente; ora a empregamos em relação a estudos históricos em que as informações sobre certa época se sobrepõem às que se referem ao próprio biografado; ora a emprestamos às chamadas biografias modernas ou romaneadas. E até obras em que a fantasia constitui o elemento essencial da narrativa aparecem como rótulo idêntico (VIANA FILHO, 1945, p.11-12).

Lista a que Borges acrescenta: “desde um verbete em dicionários de figuras políticas, literárias, até relatos em filmes, documentários, programas de televisão etc.” (2006, p.204), sem mencionar as ditas biografias que personificam lugares ou instituições, além de outras possibilidades.

Além da experiência historiográfica e jornalística, o campo da literatura exerceu uma influência importante sobre o gênero, especialmente a partir da crítica literária – “investigando sua autenticidade, sua veracidade, estilos de época, simbioses romanescas etc.”, como lembra Vilas Boas (2008, p. 19). Segundo Werneck, “abre-se a perspectiva da prática crítica para a invenção de biografias literárias, pautadas pela natureza criativa dos procedimentos analíticos, que reinventam ‘a articulação entre vida e obra’”(WERNECK, 2014, p.16). Nesse contexto,

delineiam-se momento de transformação de uma tradição de escrita de biografias, seja a eminentemente literária, seja a jornalística. Percebe-se, ao examinar algumas obras e descrever a inserção de seus autores em campos intelectuais específicos, como não só ocorrem mudanças na recepção de uma obra ou da apreciação crítica de um nome, mas como a autoria da escrita de vidas também contribui decisivamente para que os biógrafos conquistem notoriedade” (WERNECK, 2014, p. 16-17)

Werneck identifica períodos, durante o século XX, em que predominam determinadas biografias nacionais com produção e objetivos em comum.

Entre as décadas de 1930 e 1940, as biografias são valorizadas no Brasil como produto intelectual e mercadológico. Ao lado de traduções de biografias internacionais conceituadas⁴, as editoras apostam na produção nacional, que “segue a moda europeia das ‘flamantes, biografias de heróis e homens célebres (de preferência romanceadas)’” (EULALIO, 1993, p.25 apud WERNECK, 2014, p.17). Por exemplo, a produção de Octávio Tarquínio⁵ sobre figuras políticas do Brasil; e as obras da crítica literária Lúcia Miguel Pereira sobre Machado de Assis⁶ e Gonçalves Dias⁷.

Pereira defende a concepção de biografia que comunga valor artístico e produção documental. Além disso, o gênero desempenharia um papel didático para a jovem república, enriquecendo de referências o imaginário “para a construção de uma identidade nacional moderna. Seria o único gênero ‘capaz de fazer com que os

⁴ Por exemplo, obras dos biógrafos Strachey, Zweig, Ludwig e Maurois.

⁵ Em 1942, Octávio Tarquínio publica *A história dos fundadores do Império*, com biografias de figuras como Bernardo Vasconcelos, Evaristo da Veiga, José Bonifácio, Regente Feijó e D. Pedro I.

⁶ *Machado de Assis. Estudo crítico e biográfico*, publicado em 1936.

⁷ *A vida de Gonçalves Dias*, publicado em 1942.

brasileiros se interessem pelas figuras de sua terra’ (PEREIRA, 1937, p. 23 apud WERNECK, 2014, p.18).

Já a partir da década de 1950, recupera Werneck, “as biografias passam a receber uma dura cobrança documentarista” (2014, p.18) e a arte perde palco para o levantamento ostensivo de arquivos e depoimentos. Nesse período, o biógrafo também ganha status perante a expansão editorial. Políticos-literatos e jornalistas-literatos tomam a dianteira na produção, que se alimenta de uma dupla consagração, a literária para o biógrafo e a cultural histórica para o biografado. Werneck cita o caso de R. Magalhães Jr.⁸, que se propõe a “desmontar mitos” e revisar informações publicadas por outros biógrafos já estabelecidos, “não apenas visando ao sucesso editorial, mas almejando um lugar no mundo das letras” (WERNECK, 2014, p.19). Segundo a autora:

As grandes figuras são projetadas não para que lhes seja revelado o lado humano encoberto, nem para que lhes sejam dados contornos de heroísmo ou bravura, mas para que se faça justiça aos biografado através da revelação de documentos e escritos inéditos, que são apresentados tanto como provas qualificantes do grau de elaboração artística de uma obra quanto como revelação de uma faceta de suas personalidades até então apagada ou mal interpretada pelos historiadores (WERNECK, 2014, p.19-20)

Perto dos anos 1990, observa-se uma estabilização do gênero biográfico, com espaço no mercado e valorização da crítica. Nesta época, reaparecem ensaios biográficos e biografias literárias também, entretanto um maior volume de publicações já é posto nas livrarias por jornalistas, conforme comentam os críticos Silviano Santiago (1997, p. 7) e Lúcia Miguel Pereira (1994) (apud WERNECK, 2014, p.21).

Entre os trabalhos jornalísticos, são destacadas produções como *Olga* (1985) e *Chatô, o Rei do Brasil* (1994), de Fernando Morais; *O Anjo Pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues* (1992) e *Estrela Solitária – Um brasileiro chamado Garrinha* (1995), de Ruy Castro; *Vinicius de Moraes. O poeta da Paixão* (1993), de José Castello⁹; *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos* (1992) e *O rebelde do traço. A vida de Henfil* (1996), de Dênis de Moraes.

⁸ Raimundo Magalhães Júnior ou R. Magalhães Jr. (1907-1981) foi jornalista, biógrafo e teatrólogo. Escreveu 18 obras entre biografias e ensaios sobre homens ilustres, entre a década de 1950 e 1970, como Machado de Assis, Deodoro da Fonseca, Patrocínio Filho, Álvarez de Azevedo, Rui Barbosa, Martins Pena, João do Rio, entre outros.

⁹ Jornalista e crítico literário, José Castello publicou três biografias nos anos 90, mas apenas a primeira é classificada pelos críticos na categoria jornalística. *João Cabral de Melo Neto. O homem sem alma* (1996) e *Na cobertura de Rubem Braga* (1996) são ditas biografias literárias (WERNECK, 1994, p. 21).

Antes, porém, Alberto Dines já havia lançado *Morte no paraíso: a tragédia de Stefan Zweig*, em 1981. Segundo Vilas Boas, “Dines foi um dos primeiros jornalistas contemporâneos a se enveredar [...] no território da biografia, um território pequenino e até então dominado, no Brasil, por acadêmicos e literatos” (2008, p. 35). Posição que o próprio biógrafo ratifica, em entrevista a Vilas Boas:

No fundo, eu sentia que meu biografismo estava muito mais próximo do jornalismo do que do “classicismo biográfico” dos acadêmicos que conheci. Há uma coisa que digo com segurança: fui o primeiro. *Morte no paraíso* é o primeiro livro de uma rica safra de biografias escritas por jornalistas. Fernando Morais, Ruy Castro, Jorge Caldeira e outros emergiram pelo menos uma década depois de mim. Disso, aliás, me gabo. [...] Não conheço outro jornalista realmente presente em redações de jornais e revistas que tenha feito, na época, algo parecido com a minha biografia de Stefan Zweig (VILAS BOAS, 2008, p.35-36, 38)

Conforme a percepção de Dines, apesar de biógrafos da geração anterior, como R. Magalhães Jr., Luis Viana Filho, Pedro Calmon, Otávio Tarquínio de Souza, Gondin da Fonseca e Lúcia Miguel Pereira terem trabalhado ou colaborado com jornais, eles “não eram jornalistas propriamente ditos” e o fazer biográfico não recebeu tal influência direta (VILAS BOAS, 2008, p.38)

Imbuída das ideias do crítico Santiago (1997), Werneck ressalta que o livro biográfico então concorria com a telenovela, guardando relações com a literatura modernista, no sentido de que tanto uma quanto outro “afastam o pessimismo em relação aos valores hegemônicos no país e no Ocidente” (WERNECK, 2014, p.22). Na visão dos críticos, o papel que personagens fictícios exerceram para o imaginário da república brasileira na década de 20 e 30, foi exercido, no final do século XX, por personagens reais e marcantes através das biografias.

Entretanto, ao contrário do que a comparação pode dá a entender, os personagens não eram tratados superficialmente pelos jornalistas. O esmiuçar da vida de Assis chateaubriand e Garrincha, por exemplo, traziam feitos extraordinários juntamente aos registros mundanos. “Assim, ao lado [...] da fidelidade ao próprio talento e do somatório de pequenas conquistas, uma característica aproxima as narrativas dos novos biógrafos brasileiros: o relato dos padecimentos físicos de seus biografados” (WERNECK, 2014, p.23). Pois, elucida Werneck: “o corpo destruído é um corpo despossuído das mitologias” (2014, p. 24). Por sua vez, “corpos despossuídos de

mitologia passam a encenar, com novo significado, a história recente do país (BIRINGER, 1991, XXII apud WERNECK, 2014, p.24).

A ESPÉCIE DE BIOGRAFIA DO JORNALISMO OU JORNALISMO EM FORMA DE BIOGRAFIA

Só percorrendo, ainda que superficialmente, alguns trajetos da biografia, é que começamos a vislumbrar como se deu a formação desse produto-mosaico multidisciplinar das ciências humanas. Antes mesmo de falarmos “retorno da biografia” nos anos 2020, como sinaliza Borges, percebe-se que as biografias continuaram sendo valorizadas ao longo do último século, mesmo sob roupagens variadas. A autora resgata a “seção de livros da revista *Veja*, em 26 de julho de 1995”, que comenta o mercado de não-ficção mundial: “Ao frenético ritmo de um lançamento a cada dois dias, as biografias só perdem para o segmento de autoajuda”, acrescentando a continuidade dessa realidade 10 anos depois (BORGES, 2006, p.212). Há um valor contínuo na biografia que a coloca como guardiã da memória, frente ao esquecimento e a obsolescência. Como diz Reché,

arquivar a própria vida ou história de um tempo tornou-se preocupação crescente nas sociedades ocidentais. Talvez na tentativa de se escapar da amnésia frente à aceleração cultural [intensa], o homem vem valorizando a memória e a musealização (forma de reter o passado materialmente) (RECHÉ, 2009, p.1).

Como vimos, as biografias assumiram feições diferentes, conforme mudavam as sociedades e as próprias ciências. Apesar de historiadores e literatos continuarem trabalhando nesta missão contra o esquecimento e tenham críticas ao produto jornalístico, a contribuição dos periodistas têm chamado mais atenção no mercado editorial brasileiro há várias décadas (BORGES, 2006). Embora delimitar as fronteiras seja complexo e até subjetivo, nos atemos adiante às obras vistas como produto do exercício do jornalismo literário, guardando em si mesmas uma preocupação com o público leitor, aliando primor jornalístico e dimensão estética (LIMA, 2014).

Jornalismo Literário, Jornalismo Narrativo, Literatura da Realidade, Literatura Criativa de Não Ficção são nomeações, em geral, para o mesmo movimento de produções no Brasil (LIMA, 2016). Um conjunto que produziu não só a biografia jornalística, como também a criação de livros-reportagem, perfis e romances (VILAS BOAS, 2008). Desenvolveu-se, no Ocidente, paulatinamente desde a cobertura de

guerras entre o século XIX e XX. Segundo Edvaldo Pereira Lima, um dos primeiros a praticar o jornalismo literário que se tem registro foi William Howard Russel, entre 1861 e 1865. Correspondente do jornal inglês *The Times*, o jornalista “foi enviado para cobrir a guerra civil americana. [...] Os relatos de Russell deram-lhe prestígio, pelo modo realista como descrevia o que acontecia” (LIMA, 2014, p.37).

De forma similar, no Brasil, o jornalismo literário nasceu com a cobertura da Guerra de Canudos. Atuando como correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo*, Euclides da Cunha embarcou com o Exército Brasileiro, em 1897, para a Bahia, mas

em lugar de limitar-se aos fatos, procurava compreender as linhas subterrâneas de forças que tinham moldado o episódio[...] produzindo uma narrativa realista que colocava em perspectiva um contexto ambiental, histórico, político e social, tudo apoiado por personagens tragicamente reais (LIMA, 2014, p.44).

Seus textos ricos em “dramaticidade e autoria” produziram ainda o aclamado *Os Sertões* (1902), influenciando fortemente a literatura brasileira a caminhar do romantismo para o naturalismo, como destaca Lima.

Por sua vez, o segundo brasileiro no jornalismo literário fez da cena urbana a sua fonte. Trabalhando em tempo integral para o *Gazeta de Notícias*, no Rio de Janeiro, a partir de 1903, João do Rio tinha “a sensibilidade para captar, escondidos por trás dos fatos, os quadros sociais” e as “figuras humanas”, tirando do cotidiano efêmero para “registrar com arte um instante histórico” (LIMA, 2014, p.48).

A década de 1960 é reconhecida como a época de ouro do jornalismo literário, caracterizado nessa época como Novo Jornalismo (MARTINEZ, 2017), mas ele seguiu adaptando-se e reciclando-se em jornais, revistas e também livros. Para Martinez, o jornalismo literário segue hoje como “campo em construção”, com definições variadas, das quais valoriza a “pluralidade de vozes [...] estimulantes no sentido de não se contentarem com receitas de investigação comuns” (MARTINEZ, 2017, p.22). Lima o difere da prática do “jornalismo convencional” nos quesitos “propósito, [...] elementos que o compõem, [...] [e] objetivos que se quer alcançar” (2014, p.15). Segundo o professor, “no jornalismo convencional, o modo corriqueiro é o sumário” (LIMA, 2014, p.14), ou seja, os fatos são apresentados como um resumo, com seus elementos básicos. Enquanto o jornalismo literário usa a “cena” para informar. Ele explica:

a cena tem uma natureza visual. Em lugar de contar indiretamente o que aconteceu, mostra. Mais do que simplesmente passar uma informação, a cena procura colocar o leitor dentro do acontecimento. Busca fazer com que o leitor viva um pouco, pelo menos, o que o

repórter presenciou. Reproduz o clima de como as coisas aconteceram, tem um dinamismo próprio. O que acontece tem movimento, as pessoas são retratadas com vivacidade. (LIMA, 2014, p.15)

Observa-se que se tornou próprio, ao perfil do jornalista investigativo, o olhar apurado para as “especificidades das narrativas da vida privada, da vida pública, as modalidades das relações socioeconômicas, políticas, éticas e culturais” (SANTOS; MENEZES; PAIVA, 2017, p.3). E para esse profissional, a “proximidade do *know-how* da matéria-prima utilizada na coleta biográfica” fez da biografia um “terreno fértil para incorporar técnicas do Jornalismo Literário (SANTOS; MENEZES; PAIVA, 2017, p.4).

Vilas Boas defende que “a geração de biógrafos ex-repórteres” contribuiu positivamente com o biografismo, “não apenas com técnicas de narrar, mas também no modo de pesquisar, de buscar as circunstâncias” (VILAS BOAS, 2008, p.117). Tornou-se comum “mexer em outras coisas além de arquivos consagrados e classificados – documentos da Biblioteca Nacional, por exemplo, tinham enorme status entre historiadores e acadêmicos”. Uma única foto circunstancial ou a lista de telefones particular poderiam abrir portas para epifanias, “manifestações ou percepções da natureza ou do significado essencial de uma vida” (VILAS BOAS, 2008, p.117-118).

Assim, começamos a tatear como o jornalismo contribuiu com a construção da biografia contemporânea. Esses formatos que carregam, em especial, a missão de conhecer a fundo o indivíduo e expressar suas verdades. Compõem uma seleção construída a partir da memória, do conhecimento, da imaginação e dos sentimentos dos personagens reais (VILAS BOAS, 2003).

Agora partimos para refletir como distinguir as biografias fruto majoritariamente do jornalismo literário. Além de serem produzidas por jornalistas, sugerimos dois princípios: a busca pela verdade dos fatos e o enfoque na narrativa. Como somos guiados por Lima nos trechos a seguir:

O jornalista literário prefere esse modo de narrar porque seu compromisso implícito com o leitor é dar-lhe não apenas a informação sobre alguma coisa. É fazer que o leitor passe pela experiência sensorial, simbólica, de entrar naquele mundo específico [...] procura também despertar a visão, a audição, o olfato, o tato, o paladar do leitor (LIMA, 2014, p.15).

O jornalista literário é prisioneiro da realidade. Só pode trabalhar os elementos que ela lhe entrega em mãos (LIMA, 2014, p.17).

Jornalismo literário se faz basicamente com a reportagem contextualizada [...] Todos têm de ter a narrativa (e não o comentário) como elemento principal de expressão (LIMA, 2014, p.66).

Mas ter todos esses aspectos em conta não é simples. Narrar as profundezas e estranhezas da vida real com estilo é arte. No dizer de Lima, “um tipo diferente de arte, exigindo muita habilidade. Por isso a necessidade de dominar soluções narrativas que dão certo, nascidas do próprio jornalismo ou importadas da literatura” (LIMA, 2014, p.18). Nesse sentido, advogamos sobre a necessidade de pensar o labor biográfico no campo do jornalismo, carência indicada por Vilas Boas (2008).

Sérgio Vilas Boas, inclusive, defende que o próprio livro biográfico oportunizaria espaço para a discussão, mas não é o que tem acontecido. Em geral, nos excertos em que vão resenhas, críticas, prefácios e posfácios, “autores [...] se atêm ao personagem biografado [...]. Persiste a crença de que o biógrafo sobrevive pelo que revela, não pelo modo como revela (VILAS BOAS, 2008, p.19).

Sobre o atraso nos estudos do Jornalismo Literário – e conseqüentemente, da biografia jornalística -, Martinez (2017) explica que se trata do mesmo *delay* comum aos estudos do Jornalismo como um todo, no Brasil, decorrente do seu contexto histórico. O atraso na implantação e desenvolvimento da imprensa somados aos longos períodos de “restrição da liberdade de expressão [...] nominadamente em fases lideradas por ditaduras militares” (MARTINEZ, 2017, p.23) retardaram a pesquisa entre 1889 e 1985. Embora tenhamos precursores importantes em décadas anteriores, “a pesquisa em Comunicação, como um campo, seria realmente constituída no país nos anos 1970”, reitera Martinez (2017, p.23). Sobre as pesquisas em Jornalismo Literário, ela relata:

característica marcante [...] é o foco predominante dos estudos na interface entre o Jornalismo e a Literatura (LIMA, 1990). [...] Neste âmbito, os estudos costumam abordar métodos de análise específicos (BORGES, 2013) ou concentrar-se na questão do escritor “vestido de repórter” (BULHÕES, 2007, p.62), isto é, no qual a profissão é vista como um ganha-pão e uma vitrine para autores que singravam um mercado editorial (MARTINEZ, 2017, p.24).

Nas últimas décadas, entretanto, percebemos represálias de autores buscando abordar o fazer biográfico no jornalismo, ainda que não sejam muitos. Um exemplo é

Vilas Boas, que guarnece o campo com intensas reflexões, destacando-se a tese¹⁰ (2008) onde empreende uma jornada metabiográfica sobre Alberto Dines, valendo-se da interlocução com o próprio biografado¹¹. Partindo da premissa de que “biografia é [antes de tudo] o biografado segundo o biógrafo” (2008, p.22), Vilas Boas se debruça especialmente sobre a segunda figura. Assim como a imbricada relação entre a vida do autor e a obra de arte produzida, “as relações do biógrafo com o biografado, com o processo biográfico, consigo mesmo etc. São de natureza reflexiva também. Ele (se) interpreta e (se) compreende”. O pesquisador insiste: “as vidas e as obras (do biógrafo e do biografado), em sentido amplo e ilimitado, estão imbricadas em uma mesma aventura – a aventura das interpretações possíveis e das compreensões necessárias” (2008, p.31).

Como resultado de suas reflexões, o trabalho critica as limitações de natureza filosófica e/ou narrativa nas biografias contemporâneas. Para defender um salto qualitativo nas produções vindouras, Vilas Boas discute tópicos como herança familiar, fatalismo, extraordinariedade, concepções de verdade e de sujeito narrativo, além de possibilidades de técnica de escrita sobre o fazer biográfico, entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Racunhamos achados sobre a biografia no interesse de vislumbrar não o que as biografias jornalísticas “são”, mas o que “se tornam”, “vêm a ser” e “estão se tornando”, para usar as palavras e o entendimento de Deuze e Witschge (2016, p.13). A história de vida está imbrincada com a nossa própria existência e tornou-se fonte e método consagrado para as ciências humanas, liberta dos preconceitos positivistas. Essa é a substância que alimenta o jornalismo literário, inclusive além das biografias.

Quanto à produção de obras biográficas, então, o jornalista dispõe de “um amplo leque de possibilidades” (MARTINEZ, 2017, p.30), mas também está inserido em seu tempo e lugar. Enquanto o biógrafo tenta decifrar o “cosmos” (MARTINEZ, 2017) em que seu personagem está inserido, ele próprio sofre influência de (geralmente) outra

¹⁰ Em sua obra *Biografismo: reflexões sobre as escritas de vida* (2008), Sérgio Vilas Boas apresenta o diálogo com Alberto Dines de forma “coexistencial”: “Muitas vezes não se sabe exatamente quem está ao microfone – se eu, se Dines, se nós dois em uníssono” (p. 17).

¹¹ Por meio da escrita de Vilas Boas, temos também acesso a cenas dos bastidores e do trabalho árduo que um biógrafo precisava desenvolver mais de 40 anos atrás, quando não era possível contar com a rede mundial de computadores para trazer informações do mundo via hipertexto.

conjuntura. Percorrer a trajetória da biografia nos mostra que a escolha das histórias de vida, as formas de investigação e de narração não são apenas fruto da subjetividade do autor, mas também do seu objetivo, das tendências vigentes de pensamento, de escrita, de história, de jornalismo, de análise e de crítica - além de outras questões práticas, como perfis profissionais e recursos disponíveis. Apenas parte do produto final nasce, de fato, dos documentos e depoimentos do / sobre o biografado.

Nesse sentido, retomamos Borges, para destacar que o movimento atual da sociedade e das ciências ensejam espaço para reagir a “conceitos totalizantes como ‘classe’ e ‘mentalidades’, contra categorias predeterminadas (como ‘revolução’) e um favorecimento da experiência” (2006, p.210). Embora se esteja sempre revisitando os relatos da tradição, do status e do poder social, cada vez mais escritores tem se desafiado a contar a história das minorias sociológicas, figuras historicamente aquém do poder e submetidas a todas as formas de violência - inclusive simbólica -, como negros, mulheres e pessoas não heteronormativas.

A relação das ciências e do jornalismo com esses grupos tem sua própria trajetória peculiar, influenciada especialmente pelos movimentos sociais organizados, e merece outra revisão. Refletir criticamente, pois, sobre o jornalismo biográfico também requer um olhar apurado para a “desvelar coisas ocultas”, na busca por “contribuir para minimizar a violência simbólica que se exerce nas relações sociais” (BORDIEU, 1997, p. 22) e que os produtos jornalísticos podem manter e/ou subverter.

Assim, ainda observamos que outras temáticas caras denotam mais discussão para os estudos do exercício biográfico, por exemplo: a verdade, a memória, o tempo, as relações de poder, a narrativa e o lugar de fala.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- BIRNINGER, C. et al. **Theatre, Theory, Postmodernism**. Bloomington: Indiana University Press, 1991.
- BORGES, V. P. Fontes biográficas grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 203-233.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos**. Tradução: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- DEUZE, M.; WITSCHGE, T. O que o jornalismo está se tornando? **Revista Parágrafo** [Dossiê Práticas Jornalísticas], São Paulo, v. 4, n. 2. 8ª Edição: Julho-Dezembro de 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/478>. Acesso em: 11 mai. 2022

- EULALIO, A. “No país da meninice”. Remate de Males. **Revista do Departamento de Teoria Literária**. Campinas: IEL/Unicamp, jun 1993.
- FINOTTI, I. De Roberto Carlos a Stan Lee e Lina Bo Bardi, entenda a onda de biografias repetidas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 06 jan. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/01/de-roberto-carlos-a-stan-lee-e-lina-bo-bardi-entenda-a-onda-de-biografias-repetidas.shtml>. Acesso em: 20 abr. 2022
- LAGE, N. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.
- LE GOFF, J. Comment écrire une biographie historique aujourd'hui? **Revue Le Débat**, n. 54, v.2. 1989 p.48-53.
- LIMA, A. A. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Com-Arte/ edusp, 1990.
- LIMA, E. P. **Jornalismo literário para iniciantes**. São Paulo: edusp, 2014.
- LIMA, E. P. **Jornalismo literário**. Disponível em: <<http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismoliterario/conceitos>>. Acesso em: 4 jul. 2016 2016.
- MADÉLÉNAT, D. **La biographique**. Paris: PUF, 1984.
- MARTINEZ, M. Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v.40, n.3, 2017. Disponível em: <<https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/2798>>. Acesso em: 1 jun.2022
- MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. (orgs). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018.
- PEREIRA, L. M. Um biografia. **Boletim de Ariel**. Rio de Janeiro, julho de 1937.
- PEREIRA, L. M. O Anti-Carlyle. In: PEREIRA, L. M. **Escritos da maturidade**. (1944-1959). Organização de Luciana Viegas. Rio de Janeiro: Graphia, 1994.
- RÉCHE, D. W. L.. Literatura e Jornalismo: Relações entre Memória e Esquecimento. **BOCC. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, v. 1, p. 1, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-erneck.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2022
- SANTOS, R. N.; MENEZES, R.; PAIVA, C. C. Jornalismo e Biografia: Reflexões sobre a verdade e o tempo. **Anais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1540-1.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- SANTIAGO, S. Brasil, mostra a sua cara. **Jornal do Brasil**. Suplemento Ideias, 20 de abril de 1997.
- SILVA, G. **Jornalismo e construção de sentido**: pequeno inventário. In: **v. 2 n. 2 (2005): Jornalismo e Conhecimento**. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2145>. Acesso em: 10. abr.2022
- STEARNS, J. **Acts of Journalism**: Defining Press Freedom in the Digital Age. New York: Free Press, 2013.
- VIANA FILHO, L. **A verdade na biografia**. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1945.
- VILLAS-BOAS, S. **Biografismo**: reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- WERNECK, M. H. Sobre a biografia no Brasil: historicidades e práticas de escrita. In: **Eu assino embaixo**: biografia, memória e cultura. Fukelman, C. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. p.15-33.